

II ENCONTRO PAULISTA DE SOCIOLOGIA DO ESPORTE

05 de novembro de 2014

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo

Comissão Organizadora

Marco Antônio Bettine de Almeida – EACH/USP

Natália Moreno – EACH-USP

Renata Ferreira dos Santos – FEF/UNICAMP

Willian Maranhão – LUDENS/USP

Comitê Científico

Marco Antônio Bettine de Almeida – EACH/USP

Comitê Executivo

Marco Antônio Bettine de Almeida – EACH/USP

Natália Moreno – EACH-USP

Renata Ferreira dos Santos – FEF/UNICAMP

Apoio

Ludens – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Edital Esporte.



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Encontro Paulista de Sociologia do Esporte (2. : 2014 : São Paulo, SP)
Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte / II Encontro Paulista de Sociologia do Esporte ; organização do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Sociologia do Esporte, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Futebol e Modalidades Lúdicas. – São Paulo : Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2015
132 p.

Evento realizado na EACH/USP no dia 05 de novembro de 2014
Modo de acesso ao texto em pdf: <<http://www.usp.br/ludens/index.php/pt/>>
ISBN 978-85-64842-19-9 (Brochura)
ISBN 978-85-64842-21-2 (Documento eletrônico)

1. Sociologia do esporte. 2. Esportes – Aspectos sociais. 3. Antropologia urbana. 4. Sociabilidade. 5. Interdisciplinaridade – Encontros. I. Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Futebol e Modalidades Lúdicas. Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Sociologia do Esporte, org. II. Título.

CDD 22. ed. – 306.483

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

CONTRIBUIÇÕES DA OBRA DE PIERRE BOURDIEU PARA A PESQUISA EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO SÉCULO XXI¹

INTRODUÇÃO

A sociedade globalizada do século XXI, pautada pelo enfraquecimento de fronteiras de mercado, cultura e política, caracteriza-se como um mundo diferente de qualquer período do passado. Sua conformação se dá orientada por uma cultura homogeneizante, baseada nos meios de comunicação de massa, que ameaça algumas identidades culturais em níveis nacionais e locais. Nesta realidade, qualquer pessoa no mundo pode ser exposta às mesmas mensagens, de forma homogênea, quase instantaneamente (SKLAIR, 2010). Em tal cenário, as práticas culturais cotidianas caracterizam-se como fenômenos universais, que remetem a um processo de desterritorialização dos limites geopolíticos a partir de influências mútuas de formas culturais que se tornam mundializadas (MARCHI JR; AFONSO, 2007).

Investigar o esporte como um fenômeno sociocultural pode ser um dos caminhos possíveis para estudar a sociedade globalizada. O espaço do esporte é homológico a demais espaços sociais. Explorá-lo permite melhor compreender demais campos de atuação humana, assim como a própria sociedade contemporânea (VIGARELLO, 2005). Além de se beneficiar da lógica de mercado presente na globalização capitalista, o esporte influencia e, em muitos casos também beneficia,

¹ Renato Francisco Rodrigues Marques, Professor Doutor da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – EEFERP, Universidade de São Paulo – USP. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte – GEPESPE-RP.

segmentos afins como turismo, publicidade, equipamentos, vestuário, calçados, apostas, produtos licenciados, serviços profissionais, tratamento médico, construção de instalações, publicações e vídeos, alimentação, games e propagandas em diversas mídias (MARCHI JR; AFONSO, 2007).

Compreender o esporte como um fenômeno constituinte da sociedade contemporânea significa buscar desvendar o seu papel, suas formas de manifestação, os valores que transmite para os sujeitos que com ele se relacionam e as interações entre tais agentes (COAKLEY, 2008). Sua relevância se dá em relação à capacidade de suas formas de manifestações motoras traduzir princípios incorporados no *habitus* de sujeitos ou grupos sociais (VIGORELLO, 2005). Neste contexto, o corpo é fundamental para o domínio prático do mundo. O esporte é, talvez, o terreno principal em que a *práxis* se faz mais aparente (GIULIANOTTI, 2005).

Como forma de análise sociocultural sobre o fenômeno esportivo, a sociologia do esporte se apresenta como alternativa e meio de abordagem. A sociologia, como ciência fundamentada na investigação sobre condições sociais e ambientais que podem afetar decisões e comportamentos individuais (DELANEY; MADIGAN, 2009), oferece ferramentas de investigação sobre aspectos socioculturais do esporte. Tal disciplina acadêmica se configura como o estudo do mundo social no qual as pessoas criam, organizam, mantêm e transformam suas formas de relacionamentos (COAKLEY, 2008).

A sociologia do esporte é, primariamente, uma subdisciplina da sociologia, que estuda o esporte como um fenômeno social e procura promover certa reflexão sobre sua origem e formas de interações sociais que o permeiam e conformam (PILZ, 1999). É uma área de estudos sistemáticos, baseada em evidências, sobre processos, padrões, questões, valores e comportamentos encontrados no esporte (DELANEY; MADIGAN, 2009).

Como instituição historicamente estabelecida, o esporte não deve ser analisado fora de suas dimensões sociais, pois consiste em um fenômeno que contribui de forma determinante para a interpretação da realidade social (RICHTER et al, 1992), pois relaciona-se com inúmeras outras instituições sociais, afetando bilhões de pessoas, direta ou indiretamente (DELANEY; MADIGAN, 2009).

As transformações sociais do fenômeno esportivo e os impactos ou influências que exerce sobre os hábitos dos indivíduos que tomam contato com esse universo, ou seja, as inter-relações entre as manifestações esportivas e a sociedade, constituem o foco da sociologia do esporte.

É importante considerar que, enquanto objeto de estudo, o esporte tem sua evolução, valores e conquistas atrelados à sociedade em que se insere, ou seja, é uma prática que deve ser contextualizada no tempo e no espaço da sua socialização, visto que é transformado e conformado de acordo com os sujeitos que dele se apropriam (COAKLEY, 2008). Tal característica, expressa pelo efeito de apropriação, ou seja, a configuração empreendida a um objeto de acordo com características dos sujeitos envolvidos, confere ao esporte certa elasticidade semântica (BOURDIEU, 1990).

Em estudos ligados à sociologia do esporte, assim como em outras disciplinas acadêmicas pertencentes às ciências sociais, existe a necessidade de adoção de referenciais teóricos ligados a esta forma de conhecimento, que delimitem diretrizes de trabalho, ferramentas e critérios de análise. Em suma, para a interpretação de uma realidade social, é possível que diferentes aspectos de um mesmo objeto sejam delimitados, descritos, discutidos e analisados. Segundo Delaney e Madigan (2009), cada pessoa pode elaborar uma teoria diferente sobre um fenômeno social. Tais teorias funcionam como guias que permitem certa sistematização de análise e compreensão sobre diferentes elementos da sociedade, de pontos de vista diversos.

Neste contexto, existem inúmeras teorias, que se estruturam com base em interações, padrões e eventos encontrados no ambiente social. Uma teoria reflete uma perspectiva possível de compreensão da sociedade (DELANEY; MADIGAN, 2009).

São inúmeras as teorias pertencentes à tradição sociológica. A escolha por uma determinada linha teórica reflete os valores ou possíveis vieses do pesquisador, ou atende às necessidades empíricas de análise, discussão e reflexões sobre os objetos e fenômenos estudados (DELANEY; MADIGAN, 2009). Deste modo, escolher uma abordagem teórica implica não apenas em estabelecer uma linha de trabalho, mas sim, em delimitar possibilidades de análise e interpretação da realidade, de modo a estabelecer relações, parâmetros e expectativas de explicações sobre o ambiente social. Por isso, a escolha do referencial teórico para uma investigação sociológica não pode se basear em modismos ou conveniências funcionais, mas sim, na análise sobre as possíveis contribuições que determinada teoria pode oferecer para a exploração de determinado objeto ou problemática de pesquisa.

Como possibilidade de teoria sociológica tem-se a Teoria Geral dos Campos Sociais, ou Teoria Reflexiva, de Pierre Bourdieu. Este importante acadêmico francês empreendeu uma investigação sociológica do conhecimento, que detectou um jogo de dominação e reprodução de valores em diferentes esferas da sociedade (MARQUES; GUTIERREZ, 2014), culminando em formas de distinção e diferenciação social entre grupos. Durante tal trajetória, propôs não apenas uma forma de compreender o espaço social, mas também a aplicou em investigações em diferentes campos de manifestação cultural, como a arte, ciência, mídia, educação e esporte.

A teoria reflexiva de Bourdieu se pauta na união entre a teoria rigorosa e observação empírica,

...prezando pela objetividade teórica na interpretação do universo empírico e, acima de tudo, não tratando os “fatos” como “dados”, ou seja, como um corpo de conhecimento que materializa de tal modo a realidade a ponto de não demandar um tratamento teórico mais refinado e específico (SOUZA, 2011, p. 39).

O modelo teórico de Bourdieu empreendeu uma forma de identificação de mecanismos que determinam leis de reprodução social, configuradas como instrumentos ocultos de dominação, e que estruturam formas de reprodução de desigualdades sociais. Além disso, desenvolveu uma análise sobre o fazer sociológico, ou seja, uma proposta de elaboração de uma forma de atuação sociológica, pautada na ideia de reflexividade, que prevê um envolvimento profundo do pesquisador com o objeto e sua construção histórica, no qual o cientista social incorpora um *habitus* sociológico (SOUZA, 2011).

A obra de Bourdieu se apoia no pressuposto do conhecimento praxiológico (ou *práxis*), que tem como objeto não apenas as relações objetivas, mas as interações dialéticas entre estruturas objetivas e subjetivas, com base nas disposições que atualizam ou reproduzem tais estruturas (BOURDIEU, 1983). Para tal compreensão é preciso considerar os processos que geram a *práxis*, as estruturas que ordenam as ações dos agentes que acabam por caracterizar os espaços sociais e dar sentido às atividades e conformações dos objetos de análise.

Nessa perspectiva, a percepção praxiológica dos espaços sociais é produto de uma dupla estruturação: objetiva, na qual é socialmente estruturada, significando que as propriedades que são atribuídas aos agentes e instituições apresentam-se em distribuições desiguais e de forma a delimitar possibilidades de ação. E subjetiva, na qual também é estruturada, porque os sistemas de percepção e apreciação exprimem o

estado das relações de poder que norteiam o juízo do gosto e as escolhas do agente, de acordo com as possibilidades delimitadas pela esfera objetiva (BOURDIEU, 1990).

Este tipo de abordagem caracteriza-se como uma aproximação que adota uma versão do estruturalismo mais pessoal, focada na ação, examinando como as estruturas são constituídas e reconstituídas todos os dias através de práticas sociais (GIULIANOTTI, 2005).

Bourdieu (1990, p.149) caracteriza tais premissas com base em dois termos: “construtivismo estruturalista” ou “estruturalismo construtivista”:

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mitos, etc -, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais.

Ou seja, a obra bourdiesiana se apoia nas estruturas traçadas por questões objetivas, e nas apropriações mais particulares dos agentes, de acordo com sua posição no espaço social. Dessa forma, fundamenta-se a relação dialética entre o caráter objetivo e subjetivo de análise social. Nesta perspectiva, os agentes atuarão sempre no sentido de busca pelo acesso às propriedades específicas de seu espaço, de maneira orientada pelas estruturas objetivas do meio e permeada pela compreensão, gostos e modos de ação próprios de sua subjetividade.

Nessa construção, o que comanda os pontos de vista, as intervenções e os objetos de interesse é a estrutura das relações objetivas entre os diversos agentes, pois é ela que os direciona a diferentes posições em determinado espaço social (BOURDIEU, 2004). O que desenha sua forma subjetiva são as apropriações do agente dentro de seu grupo mais íntimo e sua percepção sobre o todo. Cada agente vê o campo a partir de um ponto de vista. Esta relação praxiológica é que estrutura a análise bourdiesiana sobre diferentes campos da sociedade.

Por conta do conhecimento praxiológico, a ação social não é considerada mera execução, mas um núcleo de significação do mundo. A sociedade não se sustenta como totalidade, mas na intersubjetividade originária da ação do sujeito (MARCHI JR., 2002).

Frente a tal espectro metodológico, este presente texto pretende apresentar algumas destas ferramentas sociológicas da obra de Pierre Bourdieu, assim como possibilidades de aplicação das mesmas em investigações sobre o campo esportivo no século XXI. A intenção é refletir sobre contribuições das categorias bourdiesianas à execução e reflexão sobre os trabalhos de pesquisa em sociologia do esporte. Para tal, foram elaboradas 3 sessões: Princípios da obra de Pierre Bourdieu e o poder simbólico; Pierre Bourdieu e o campo esportivo; Particularidades do campo esportivo no século XXI.

PRINCÍPIOS DA OBRA DE PIERRE BOURDIEU E O PODER SIMBÓLICO

A Teoria dos Campos, ou Teoria Reflexiva, elaborada por Pierre Bourdieu, serve como arcabouço teórico e científico para intervenções ligadas às relações entre sujeitos que concorrem pelo poder e acesso a bens em disputa, inseridos em determinados setores da sociedade. Organiza as análises a respeito de suas ações, posicionamentos e inter-relações, e se configura como uma ferramenta metodológica que auxilia em

processos de apropriação de conhecimento relacionado a certos objetos sociais, como por exemplo, o esporte (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

A obra de Bourdieu se apoia no jogo de dominação existente em todas as áreas da sociedade. Tal ocorrência se dá devido à distribuição desigual de bens e ao acesso diferenciado a eles, de acordo com a posição que cada agente ocupa em seu espaço social. Essa diferenciação se dá a partir da consideração de que existem campos sociais de disputas, ou seja, espaços sociais em que os sujeitos buscam reconhecimento através da posse de formas de capital simbólico, específico de cada um destes ambientes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Um campo social se conforma através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos desse espaço, que só são compreendidos por quem faz parte dele. No campo, os agentes disputam o direito da violência simbólica, ou seja, o poder de orientar a conservação ou mudanças da estrutura de distribuição de capital simbólico, com base no seu reconhecimento como sujeito com destaque social, devido sua aquisição de capital (BOURDIEU, 1983). Desta forma, cada campo específico se faz relativamente autônomo, ou seja, embora sofra certas influências do meio social que o cerca, tem suas regras e história próprias (BOURDIEU, 1989). Tem-se como exemplo a existência do campo esportivo, no qual os sujeitos lutam pela legitimidade de sua participação, reconhecimento esportivo, poder econômico e político dentro dos princípios e critérios criados e mantidos por seus agentes (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

As diferentes espécies de capitais, como dádivas em disputas, são os poderes que definem as probabilidades de ganho em espaços sociais específicos. Cada campo ou subcampo (espaços que respeitam as normas do campo, mas também apresentam certas particularidades dentro dele) confere poder e direitos a posicionamentos legítimos aos detentores de capitais, de acordo com as especificidades das formas de disputa e relações de desigualdade ocorrentes (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Tais condições

implicam em uma economia simbólica de capitais singular em cada campo ou subcampo. Têm-se quatro formas essenciais de capital que norteiam as disputas e que se inter-relacionam (BOURDIEU, 1989; 1998): econômico (quantidade de dinheiro em posse do agente), social (círculo social e relações interpessoais), cultural (conhecimento e formas de demonstração e certificação de conhecimento, ligado, entre outras formas, à escola regular e convívio familiar) e simbólico (características que conferem legitimidade e poder ao detentor deste bem, porém de modo específico dentro de cada campo social. É determinado pelo que as normas e costumes daquele espaço indicam como algo a ser valorizado e reconhecido). Pode-se também relacionar o capital simbólico a honra, prestígio e outros créditos valorizáveis (GIULIANOTTI, 2005).

Por exemplo, no esporte, uma das formas de capital simbólico é o mérito esportivo (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Em complemento a esta ideia, Giulianotti (2005) sugere outras associações de formas de capital próprias do campo esportivo, tomando como exemplo um clube: econômico (ganhos e lucros anuais); social (contratos e participação de membros); cultural (vestimenta particular, linguagem, etnia, comportamento); simbólico (títulos esportivos conquistados).

Outro ponto fundamental da obra de Bourdieu é a noção de *habitus*, uma estrutura estruturante, ou seja, que é estabelecida de acordo com as leis do campo e os caminhos específicos para a disputa e aquisição de capital, ao mesmo tempo em que norteia possibilidades de ação dos sujeitos (*práxis*) (BOURDIEU, 1983; 1996). Para o autor francês, o *habitus* expressa primeiro o resultado de uma ação organizada, que define o modo de ser, um estado habitual (especialmente do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, propensão ou inclinação (GIULIANOTTI, 2005).

Nos campos, as disputas ocorrem entre agentes oriundos de diferentes grupos sociais, determinados pela quantidade ou tipo de capital que possuem. Cada grupo apresenta características e formas de atuação próprias (*habitus*), que norteiam suas

ações e as práticas dos agentes na busca por dominação (BOURDIEU, 1996). Nos campos sociais é possível certa mobilidade social por parte dos agentes, desde que adquiram capitais que lhes confirmem certo poder, e incorporem *habitus* específicos de determinados grupos. O estilo de vida dos agentes, segundo Bourdieu (1983), deriva das disposições e possibilidades encontradas por ele em seu grupo, e suas escolhas possíveis proporcionadas por seu *habitus*.

Em linhas gerais, as categorias sociológicas de Bourdieu são interdependentes. Um *habitus* pessoal, combinado com o capital e a posição de alguém no campo, determinará suas práticas culturalmente estabelecidas (*práxis*). Esta interação pode ser resumida na seguinte fórmula: (*habitus* x capital) + campo = prática (GIULIANOTTI, 2005).

PIERRE BOURDIEU E O CAMPO ESPORTIVO

Bourdieu muito valoriza a perspectiva histórica na construção de objetos de pesquisa social, pois permite compreender os problemas colocados sobre os espaços sociais, suas origens e distribuições, de modo a permitir a construção teórica de fronteiras e bens em disputa de determinado campo.

Para desenvolver uma abordagem sobre um campo ou subcampo específico, Pierre Bourdieu sugere alguns passos metodológicos importantes, pautados no conhecimento praxiológico, que consiste, em linhas gerais, de uma análise macroscópica sobre o objeto estudado (identificação e construção teórica do campo), para uma posterior investigação microscópica (relacionada às formas de ação e interação entre os agentes). Em conferência proferida na Universidade de San Diego, em 1986, Bourdieu utilizou como exemplo o ato de observar uma árvore muito de perto. Isso impossibilita enxergar e considerar a floresta à sua volta, e por não ter se construído esse espaço

antes da análise do objeto, não se tem nenhuma chance de compreender de onde se está vendo e o que, de fato, se vê.

Segundo Bourdieu (1983), é impossível compreender um objeto de estudo sem conhecer a história do espaço de produção do mesmo.

...não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como “caso particular do possível”, conforme a expressão de Geston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis (BOURDIEU, 1996, p. 15).

Para Bourdieu, a realidade social é criada de relações entre grupos sociais e as interações entre os indivíduos e tais coletivos humanos. Por isso, este autor insiste que a lógica de pesquisa é inseparavelmente empírica e teórica. Suas próprias pesquisas misturam dados sociais e reflexão crítica (GIULIANOTTI, 2005). Nesta perspectiva, um primeiro passo para análises sociológicas sob esta perspectiva seria analisar a posição que o referido campo ocupa no macrocosmo social. Em seguida, traçar um mapa da estrutura objetiva das relações ocupadas pelos agentes ou instituições que competem de forma legítima pela autoridade específica no campo. Por fim, devem ser analisados os *habitus* dos agentes e as formas de disputa por poder e dominação no campo (BOURDIEU; CHAMPOREDON; PASSERON, 2002; SOUZA; MARCHI JR, 2010; MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Um dos campos estudados por Bourdieu durante sua carreira acadêmica foi o esportivo. Bourdieu preocupou-se não com esporte em si, mas sim com os fatores de socialização e diferenciação social ocultos “por trás da cena”, que induzem a diferentes gostos e preferências no campo do esporte. Seu foco principal foi a estratificação social

presente neste espaço (GIULIANOTTI, 2005). Como em outras intervenções, utilizou-se de abordagem histórica sobre as relações e pontos de disputa relativos ao objeto estudado e buscou analisar como se dão ou se davam as ações dos agentes de acordo com tal contextualização. Dessa forma, acabou, por intermédio de seu interesse pelo estudo da prática esportiva, contribuindo para o aprofundamento de conhecimentos em sociologia do esporte.

Para Bourdieu (1990), a utilidade e justificativa para a existência de uma área de estudos em sociologia do esporte é que, por um lado, existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma pública, mas que não sabem falar dele, e de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se designam a fazê-lo, ou o fazem de forma descuidada. Deste modo, ele aponta caminhos para o desenvolvimento desta área de estudos:

Para que uma sociologia do esporte possa se construir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo (BOURDIEU, 1990, p.208).

É possível notar, nesse discurso, a similaridade e o critério de tratamento do autor, com base em sua teoria, entre diferentes temas. Em outras palavras, ele afirma que o esporte, antes de ser analisado em suas minúcias, deve ser contextualizado, construído um espaço do esporte, relativamente autônomo e presente no macrocosmo social (visto que este é um espaço de forças que não se aplicam somente a ele), no qual as relações, propriedades e posições sejam específicas e funcionem de acordo com suas normas. Após esta construção, se faz possível a análise de um ponto mais específico, ou de um subcampo em especial de uma forma de massificação do esporte.

A prioridade em um estudo sociológico sobre esporte torna-se a construção do espaço das práticas esportivas, devido à elasticidade semântica que esses objetos apresentam. Bourdieu afirma que o campo esportivo não é estático, as simbologias e formas de distinção podem ser modificadas a partir das ações de seus agentes (GIULIANOTTI, 2005). O trabalho deste pesquisador consiste em estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que relacionam o esporte estudado com interesses opostos e preferências de uma determinada categoria social (BOURDIEU, 1990). Tal elasticidade de significados e sentidos do esporte se deve às diferentes possibilidades de apropriação por parte dos agentes envolvidos, que agregam novas características à prática esportiva de acordo com seu próprio *habitus* e posicionamento no campo.

O estudo de Bourdieu se faz importante para pesquisas em sociologia do esporte no sentido de contribuir para a compreensão das necessidades humanas de criação de modalidades esportivas e sua apreciação, em sua utilização como meio simbolicamente consolidado e na manutenção de estruturas que corroboram sua presença no universo das práticas com valor simbólico. Além disso, presta grande contribuição metodológica ligada à criação de um espaço específico para o esporte e as relações sociais pertinentes a ele. Segundo Vigorello (2005), a contribuição de Bourdieu à sociologia do esporte se dá pela sistematização de um modo de abordagem, da problemática, dos conceitos. A organização de um sistema claro de pesquisa favorece a fecundidade teórica e interpretação analítica.

Como forma de análise do campo esportivo, Bourdieu parte do processo de gênese do esporte moderno. Ou seja, de uma reflexão histórica como forma de mapear e consolidar um espaço social das práticas esportivas. Tal perspectiva vai de encontro ao mencionado por Vigarello (2005) em relação à distinção social como um processo contínuo ligado a transformações nas formas de diferenciação e de mudanças nas

distâncias sociais entre grupos. Por isso, segundo o autor, a sociologia bourdiesiana prolonga-se, inevitavelmente, em um estudo temporalizado da concorrência entre os diferentes grupos e a ênfase do interesse para efetuar a história dos mesmos.

O esporte moderno teve sua gênese, durante o século XIX, baseada na racionalização e sistematização de regras de jogos populares, até então transmitidos de geração em geração como práticas próprias de festividades. Tal transformação ocorreu nas escolas públicas e elitizadas da Inglaterra, onde os filhos da aristocracia e da grande burguesia retomaram tais práticas populares, consideradas vulgares, impondo-lhes uma mudança de significados e de função, incorporando valores morais aristocráticos e formas eruditas. Houve neste processo a mudança de sentido destes jogos, que receberam um outro significado, recebendo caráter distintivo. Formou-se uma espécie de prática corporal submetida a regras específicas cada vez mais irredutíveis, com fim em si mesmas (BOURDIEU, 1983).

Ao transformar os jogos populares, as elites inglesas criam (literalmente, por meio de racionalização e sistematização de regras escritas) uma prática que busca transmitir certos valores morais aos jovens, e que passa a ser apreciada e praticada por sujeitos pertencentes a um grupo que tem tempo livre para tal, além de condições de acesso a locais e materiais de prática cada vez mais específicos. O esporte passa a ser uma forma de diferenciação social (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

O esporte, para a elite aristocrática, simbolizava a prática por si só, própria para quem tivesse tempo livre e condições socioeconômicas que permitissem uma atividade vinculada principalmente ao prazer e desprendimento, dissociando de qualquer busca por recompensas materiais. Com o sucesso das práticas esportivas entre os jovens da aristocracia, o número de adeptos aumentou e, ao terminarem o ciclo escolar, surge um novo grupo praticante, que providenciou a criação de ligas e associações, visando facilitar e intermediar a prática do esporte. (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Além disso, com a criação das ligas e associações, a facilitação de transportes e o crescimento do interesse por suas atividades, o esporte sofre um processo de universalização de regras e práticas (DUNNING; CURRY, 2006).

Com base nesta descrição histórica, Bourdieu (1983; 1990) propõe a conformação de um campo esportivo com história relativamente autônoma que, mesmo articulada e inserida no espaço macroscópico da sociedade, tem seu próprio tempo, regras e capitais em disputa. Dessa forma, tem-se o esporte como um microcosmo da sociedade como um todo.

A autonomia relativa do campo esportivo se afirma mais claramente quando os grupos são dotados de autoadministração (órgãos reguladores) e regulamentação, fundadas em uma tradição histórica ou garantidas pelo Estado. Algumas das regras específicas do campo esportivo se apresentam com base nas especificações de órgãos reguladores, ou seja, dirigentes especializados, dotados do direito à violência simbólica, que acabam por controlar os critérios de entrada e permanência de agentes neste espaço (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Neste cenário, o esporte se faz fruto da sociedade capitalista, sendo uma forma de expressão de valores e meios de interação próprios deste grupo. A gênese do esporte se apoia, neste período, no amadorismo distintivo e conveniente para a afirmação do *habitus* aristocrático.

O campo esportivo se caracteriza como um espaço de lutas pela legitimidade da prática esportiva e distinção social, entre agentes amadores e profissionais, representantes da elite e de classes populares (BOURDIEU, 1983), e a consequente transmissão de valores morais próprios destes grupos.

Com o surgimento do profissionalismo, estimulado pela burguesia, que percebeu no esporte uma forma de obter lucros, indivíduos das classes mais pobres tiveram acesso às práticas, por essa ser uma oportunidade de ganho de capital e ascensão social. Com a entrada dos grupos menos favorecidos no universo do esporte,

além do envolvimento de capital econômico, o sentido deste passou a incorporar a seriedade e busca por melhora de desempenho, redirecionando a prática (MARQUES, 2007).

A luta entre o amadorismo e o profissionalismo é uma das chaves para a compreensão do processo de transformação do esporte contemporâneo. Praticar o esporte de forma amadora simbolizava uma atividade distintiva, realizada em ambientes restritos aos membros desses grupos. A profissionalização era a porta de entrada de sujeitos de classes menos favorecidas e, conseqüentemente, carregados de *habitus* populares.

Outra forma de disputas entre posições no campo esportivo moderno se manifesta pelos diferentes estilos de vida, posse de capitais econômico, social e cultural, gostos dos diversos grupos sociais por práticas esportivas específicas e consequentes diferenças no uso do corpo (BOURDIEU, 1983; 1990). As práticas mais distintivas são aquelas que asseguram uma relação mais distanciada do adversário, mais estetizadas. Por exemplo, tem-se a maior procura das classes mais populares por atividades como o futebol e o rugby, enquanto grupos de maior posição social preferem o golfe e o tênis, sendo o contato corporal entre os participantes um critério que exerceria influência sobre os gostos (BOURDIEU, 1990).

As classes dominantes comportam-se de modo distante da paixão demonstrada em práticas esportivas populares. O esporte legitimado por este grupo é menos intenso e serve como espaço de encontros sociais, com menor contato corporal entre os participantes. A classe média apresenta diferentes gostos por práticas, de acordo com sua profissão ou poder econômico. Por sua vez, as classes populares entendem o corpo de modo instrumental e se identificam com práticas esportivas que demanda maior virilidade (GIULIANOTTI, 2005).

Com base nesse quadro, Marchi Jr (2002) aponta que, segundo Bourdieu, o esporte pode apresentar duas distintas formas de leitura. Uma tida como sincrônica, na qual uma modalidade está ligada diretamente às disposições evidenciadas nos agentes de uma determinada posição social. Outra, de forma diacrônica, pela qual a modalidade pode ser apropriada por agentes de grupos variados. Isso significa que as práticas esportivas contemporâneas têm a possibilidade de atender os mais diferentes grupos sociais, assim como uma determinada disposição pode apropriar-se de qualquer prática.

PARTICULARIDADES DO CAMPO ESPORTIVO NO SÉCULO XXI.

Os diferentes interesses, apropriações e aproximações do esporte pelos diferentes grupos sociais acabam por traduzir que o esporte se faz, na perspectiva bourdiesiana, um fenômeno heterogêneo, com diversos significados para os sujeitos que com ele se relacionam. Uma mesma modalidade assume características e sentidos diversos, de acordo com o grupo de agentes envolvidos (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Gera-se então, uma elasticidade semântica, na qual cada grupo se apropria de determinada prática de acordo com seu *habitus*. Uma modalidade esportiva que oferece grande elasticidade semântica acaba por apresentar grande disponibilidade para usos diferentes, até opostos, podendo até mudar de sentido (BOURDIEU, 1990).

Considerando os limites de elasticidade semântica, como forma de preservar a conformação básica dos fenômenos sociais, garantindo sua presença como componentes do campo esportivo, essas diferentes apropriações são também fruto das inserções de novatos nas práticas, que acabam por modificar algumas disposições já estabelecidas, a partir de atitudes heterodoxas (BOURDIEU, 1996).

Considerando as imprevisíveis possibilidades de transformação das práticas, torna-se prioridade no estudo sociológico do esporte a construção de um espaço que

abarque a elasticidade de significados das atividades esportivas (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

De acordo com a Teoria geral dos campos, o que determina a entrada de um sujeito no espaço do esporte é seu *habitus*, que está na origem dos estilos de vida. Da mesma forma que em outros campos, o esportivo exige, em situações e épocas diferentes, *habitus* apropriados à sua realidade (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Por exemplo, no caso do surgimento do voleibol, no final do século XIX, um conjunto de disposições era exigido pela estrutura que se formava para a modalidade, ou seja, para estar inserido nesse espaço, eram cobradas determinadas representações sociais dos sujeitos candidatos. Para participar das atividades do voleibol o agente tinha que apresentar um capital social e cultural específico, pois, de outro modo, poderia ser considerado desnecessário e prejudicial ao andamento da modalidade (MARCHI JR, 2004).

No caso da Associação Cristã de Moços, local de criação desta modalidade esportiva, eram privilegiados profissionais liberais. Isso acaba por determinar o *habitus* exigido para fazer parte de determinado grupo esportivo, o que reforça que o surgimento dessa noção demanda uma diferenciação de grupos (MARCHI JR, 2002). Já o *habitus* atual do voleibol, por exemplo, foi criado principalmente após a década de 1980, por interdependência constituída pelos dirigentes, técnicos, atletas, agentes de marketing, mídia, clubes e empresários (MARCHI JR., 2006).

Assim como é apontado por Bourdieu, os critérios para valorização de atos simbólicos, assim como para acumulação do poder simbólico, não são estáticos no tempo e no grupo social. Por isso, é sempre importante apontar qual é a época e agentes envolvidos na determinação de tais orientações (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Por exemplo, Marchi Jr. (2006) aponta que o espaço do voleibol teve, no decorrer da sua

história, novas formas de representações delineadas. Ou seja, mudou-se o capital simbólico e, em consequência, as ações dos agentes.

O final do século XX foi marcado, entre outros eventos socioculturais, pelo crescimento do que Proni (1998) chamou de mercantilização da cultura, fenômeno este iniciado principalmente após a II Guerra Mundial. Deu-se início a um processo de espetacularização do esporte, pautado na divulgação e disseminação do *habitus* esportivo, como forma de transmissão político-ideológica, associada com o crescimento de um processo de mercantilização do esporte.

Para que o fortalecimento da perspectiva espetacular do esporte, tanto com finalidades políticas quanto econômicas, fosse eficiente, era necessário divulgá-lo, fazer desse fenômeno uma manifestação cultural importante, que gerasse interesse e que unificasse formas de comunicação entre todo o mundo. Isso ampliou seus limites geográficos e culturais, tornando-o mais conhecido e valorizado em todo o planeta (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). Porém, também abriu possibilidades de novas formas de manifestação, devido às diferentes incorporações desse fenômeno por inúmeras formas de cultura (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Ao acompanhar, por exemplo, a história dos Jogos Olímpicos Modernos, percebe-se tal processo de transformação no sentido de profissionalização do modo de ação de atletas e dirigentes, de uma perspectiva amadora para a profissional (PRONI, 2008). Tal massificação, sedimentada no aumento da divulgação de eventos esportivos com finalidades de mercantilização do esporte como produto (GEBARA, 2002), contribuiu para que a perspectiva de transformação do esporte em um campo pautado não somente no *habitus* esportivo descrito por Bourdieu, mas, principalmente, na mercantilização de suas práticas, agentes e produtos.

Percebe-se, no final do século XX e início do XXI, uma transformação importante do esporte em fenômeno plural, ligado tanto ao lazer, educação, espetáculo,

política e, principalmente, economia (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). Esta não foi uma mudança pontual nem repentina, mas sim, fruto de modificações estruturais na sociedade capitalista pós-Guerra Fria. São exemplos desta mudança:

a) a transformação realizada no voleibol brasileiro entre as décadas de 1980 e 1990, com a progressiva mercantilização de equipes anteriormente amadoras, atraindo investidores e a atenção do público, e a seguinte profissionalização de treinadores, dirigentes e atletas, própria do mundo globalizado do século XXI (MARCHI JR, 2004);

b) a aceitação e exploração universal do profissionalismo de atletas a partir dos Jogos Olímpicos de 1988 e 1992, em Seul e Barcelona, respectivamente. Após essas edições, nota-se a transformação dos Jogos em um megaespectáculo, dirigido pela lógica de mercado e segundo os interesses do mundo dos negócios (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009). A inclusão de atletas profissionais nos Jogos Olímpicos ocorreu em etapas. Em 1988, foi permitida a participação de jogadores profissionais de futebol, com limite de idade até 23 anos, e o retorno de jogadores da ATP de tênis de campo. Em 1992, foi liberada a participação de jogadores de basquetebol da NBA. Em 1996, os jogadores de vôlei de praia da Liga Profissional Americana puderam competir, assim como a inclusão de 3 jogadores de futebol com mais de 23 anos. Em 2000, aceitou-se a inclusão dos profissionais do beisebol (PRONI, 2008).

A sociedade globalizada, pautada na mercantilização de produtos culturais do lazer, propiciou a base para que o espetáculo esportivo se convertesse em veículo de propaganda de produtos destinados a mercados de massa (PRONI, 1998). Esse movimento expande os limites geográficos, culturais e de significados do esporte. Seu uso se amplia e ele se faz produto não somente em competições internacionais, mas também em níveis regionais. Além disso, a imagem desse fenômeno, tida como positiva e unificadora dos povos, atrai o interesse para a prática de muitas pessoas de diferentes culturas (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Como consequência desta ampliação do alcance do esporte como objeto reconhecido por diferentes formas de cultura, tem-se a criação de novas formas de massificação de atividades esportivas (TUBINO, 1992), expressas pelos diversos sentidos e significados que se fazem presentes na sociedade contemporânea. Tal apropriação do esporte por culturas diferentes (efeito de apropriação) propiciou a criação de diversas formas de ambientes e sentidos de práticas, que vão do alto rendimento até o lazer e a escola formal, com diferentes sentidos para a prática (elasticidade semântica) (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Observa-se também neste processo, a substituição do movimento associacionista, baseado na organização voluntária em torno do interesse comum pela prática esportiva, principal referência ética e moral do esporte moderno (TUBINO, 1992), pelo de consumo. Ou seja, a ação coletiva de criação de ambientes esportivos se desvaloriza frente ao mercado de ofertas de possibilidades através da compra de espaços/oportunidades/condições para a atividade esportiva (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Com a substituição do uso político-ideológico do fenômeno esportivo por um novo paradigma, o do esporte como negócio, surge um novo conflito social, o confronto direto entre a lógica do mercantilismo e os valores do esporte. Os valores esportivos, desenvolvidos desde a Antiguidade e consolidados no associacionismo e no *fair play*, vão sendo gradualmente ameaçados pelos aspectos pragmáticos do lucro (TUBINO, 1992).

Nesse processo, o esporte contemporâneo se caracteriza como um fenômeno heterogêneo ligado ao mercado, no qual suas práticas, voltadas ao lazer, à educação formal e ao alto rendimento, acabam ou se associando com o giro de capital, ou sofrendo influência cultural de um modelo

hegemônico. Nesse universo os meios de comunicação exercem um papel de destaque, o de divulgar e expandir os conceitos, costumes, símbolos, valores e produtos do esporte (MARQUES, 2007, p. 94).

O processo de profissionalização do esporte também o tornou popular com base na massificação de suas práticas e significados. O amadorismo anterior restringia os grupos a reuniões de sujeitos homogêneos socialmente (MARCHI JR, 2006). Ao profissionalizar-se, o esporte mudou seus interesses amadores de diferenciação social para um sentido de ser um fenômeno que transcende barreiras sociais visando o aumento do próprio consumo.

Tais modificações nas formas de organização e estruturação do *habitus* esportivo no século XXI sintetizam o efeito de apropriação desta prática por diferentes formas de cultura, mas principalmente (sintetizando a principal característica do fenômeno contemporâneo em relação ao moderno) pelo acesso à prática e ao consumo de diferentes grupos sociais, com *habitus* distintos e diacrônicos. Tal diversificação rompe com a tradição elitista do esporte como prática distintiva no século XIX e início do XX e sustenta um processo de popularização deste fenômeno como objeto constituinte do modo de vida da sociedade globalizada.

Este novo cenário apresenta-se como terreno fértil para estudos em sociologia do esporte, no sentido que elucida uma série de modificações de ordem sociocultural entre o fenômeno estudado por Bourdieu (desde a gênese do esporte moderno, até final do século XX) e o campo esportivo do século XXI. Neste cenário, é possível, e promissor, relativizar algumas das afirmações de Bourdieu sobre esporte, contextualizando-as frente a novas e atuais configurações, assim como desbravar novas possibilidades de teorias e reflexões.

Embora a análise de Bourdieu sobre o esporte se mostre aplicável em muitos pontos até hoje, suas reflexões se dão em esfera generalista sobre o fenômeno esportivo, merecendo maior aprofundamento em relação a contextos específicos e espaços particulares, sendo necessária a ampliação de estudos em escala mundial sobre as formas de distinção social no campo esportivo em diferentes ambientes (GIULIANOTTI, 2005). Neste cenário, faz-se...

...de suma importância, para os propósitos e procedimentos de reflexividade histórica, indagar sobre o momento de constituição dos subcampos esportivos, até porque avaliamos que uma das principais condições estruturantes de um universo esportivo concreto em seu momento de aparição na metade final do século XIX na sociedade inglesa, para além das disputas entre amadores e profissionais, entre adeptos do esporte-lazer ou do esporte-competição, foi a própria disputa que se protagonizou entre cada um dos esportes emergentes ou reinventados, ou seja, entre os subcampos esportivos e seus respectivos representantes e estruturas (SOUZA, 2011, p. 43).

Pode-se observar, no esporte atual, praticantes de posições sociais privilegiadas em atividades de recorrente contato corporal viril. Assim, o que se pode apontar é que atualmente a dimensão econômica continua predominante à cultural na escolha da modalidade esportiva. Porém, em relação ao final do século XX, nota-se maior presença de membros das elites em modalidades de menor distinção social (visto que seu capital econômico lhe permite total acesso a qualquer prática), o que não acontece necessariamente com grupos de menor ascensão (visto que algumas modalidades exigem não apenas valores distintivos, mas sim, posse de bens econômicos para a participação). A perspectiva mercadológica do esporte contemporâneo expõe o

acesso irrestrito de grupos privilegiados, que muitas vezes ignoram o valor distintivo de algumas práticas (com presenças significativas em lutas, rugby e futebol, por exemplo) e, ao mesmo tempo, restringe as possibilidades de grupos em posição menos privilegiada não apenas por questões simbólicas, mas principalmente financeiras. Ou seja, por impossibilidade de consumo das práticas e produtos esportivos.

Outra transformação própria do esporte contemporâneo, em relação à versão moderna de meados do século XX, consiste na inserção deste fenômeno em uma sociedade globalizada, pautada em práticas transnacionais, com identidades nacionais imprecisas e norteadas pela lógica de mercado (SKLAIR, 2010). Neste sentido, percebe-se uma relação dialética relativa a regras universais e a noção de representatividade nacional, na qual alguns atores simbolizam, ao mesmo tempo, um patrimônio mercadológico e esportivo mundial e o papel de representantes de regiões ou nações (vide o “argentino” Lionel Messi, uma estrela conhecida e consumida em escala global, que sintetiza um mercado comum, mas que, em determinados ambientes, como a Copa do Mundo, representa a pátria Argentina).

Neste sentido, a utilização de muitas das categorias de análise de Bourdieu fazem-se pertinentes e úteis, pois solidificam investigações sobre o esporte contemporâneo e podem auxiliar na compreensão das transformações sofridas pelo fenômeno estudado pelo autor francês durante o século XX e o objeto de estudos atual. Esta homogeneidade ou continuidade metodológica permite a comparação ou, no limite, uma linearidade analítica e interpretativa sobre o campo esportivo globalizado.

Vigorello (2005) destaca que algumas categorias propostas por Bourdieu sustentam análises sociológicas desde o final da década de 1970, como por exemplo a noção sobre as diferentes espécies de capital, o conceito de campo e a estruturação praxiológica de *habitus*. Segundo o autor,

Esses conceitos deram impulso a uma dinâmica nova, orientando as pesquisas para o “quê” das práticas e o “quem” dos praticantes. Sobretudo, eles reforçam e especificaram na França a ligação tradicionalmente feita entre as práticas esportivas e as filiações sociais (VIGORELLO, 2005, p. 187).

A originalidade da análise sociológica de Bourdieu sobre o esporte é projetar as práticas esportivas em sistema, feito de convergências e de oposições, de correspondências e exclusões próprias de um campo social específico (esportivo), baseado na disputa entre agentes e objetos. Tal perspectiva superaria análises fragmentadas e deterministas, ou hierarquizações lineares e cartesianas entre as diferentes modalidades, pois analisa as possíveis formas de manifestação esportiva de forma dependente e inter-relacionada entre si (VIGORELLO, 2005).

Porém, faz-se necessário considerar que tais postulados servem como guias para análises nos dias de hoje. Ou seja, tais categorias próprias da teoria dos campos servem de sustentação para observações e descrição do fenômeno atual, de modo a oferecer ferramentas para estudos sobre o esporte e referenciais de comparação entre períodos, grupos e *habitus* esportivos.

Como outro exemplo, tem-se a análise sobre o valor distintivo do amadorismo no campo esportivo. O período de gênese deste fenômeno trazia uma destacável valorização do *habitus* desinteressado dos praticantes, pautado em valores morais aristocráticos. Por sua vez, o campo esportivo contemporâneo apresenta possibilidades diversas de atuação, desde uma forma profissional, pautada no rendimento atlético e busca por lucros (assumindo um valor simbólico muito diferente do profissionalismo do século XIX e início do XX), quanto pelo amadorismo com finalidades educacionais, de melhoria de condições de saúde ou lazer.

A maior contribuição da obra de Bourdieu para estudos sobre o esporte contemporâneo se dá, tanto como referencial para análises sociológicas, com base em suas categorias analíticas, quanto como pressuposto para uma compreensão sobre as transformações simbólicas deste fenômeno.

Este ensaio objetivou apresentar e discutir categorias e procedimentos metodológicos de pesquisa sociológica baseados na obra de Pierre Bourdieu. A utilização da obra deste importante sociólogo francês tem-se mostrado uma eficiente e rica forma de análise do espaço social, visto que apresenta consistente embasamento teórico e metodológico.

Tanto as categorias sociológicas de sua obra, quanto seus postulados sobre o campo esportivo consistem em ferramentas de análise social de grande valia no estudo do esporte contemporâneo. Considerando ser este um fenômeno social recente, pautado em manifestações heterogêneas e na lógica de mercado globalizado, o esporte atual demanda estudos que procurem descrever características dos diferentes *habitus* dos grupos atuantes e as formas de disputa pelo poder simbólico.

Porém, para tais jornadas, é fundamental o respeito às formas e métodos de pesquisa sugeridos por Bourdieu. Considerar que as relações sociais ocorrem em campos específicos, parcialmente autônomos, pautadas na disputa por poder e legitimação de práticas e modos de vida se faz fundamental. Além disso, alguns conceitos estruturais como a ideia de *práxis*, campo, *habitus*, capital e o sentido de análise partindo da macroestrutura para a microestrutura que envolve o objeto analisado são preceitos centrais para a manutenção do rigor científico em incursões sociológicas no campo esportivo com base na obra deste autor.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

*Contribuições da Obra de Pierre Bourdieu para a
Pesquisa em Sociologia do Esporte no Século XXI*

- _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- _____. Coisas ditas. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71-79.
- _____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J-C; PASSERON, J-C. A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas. 3ed. Vozes: Petrópolis, 2002.
- COAKLEY, J. Sports in society: issues and controversies. 10 ed. New York: McGraw-Hill, 2008.
- DELANEY, T; MADIGAN, T. The sociology of sports: an introduction. Jefferson: Mcfarland & Company, 2009.
- DUNNING, E; CURRY, G. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. In: GEBARA, A; PILATTI, L. A. (orgs.). Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Jundiaí: Fontoura, 2006. p.45-76.
- GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. (Org.). Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5-29.
- GIULIANOTTI, R. Sport: a critical sociology. Bodmin: MPG Book, 2005.
- MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. IN: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. (orgs.). Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 77-111.
- _____. Sacando o voleibol. Hucitec: Unijuí, 2004.
- _____. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A; PILATTI, L. A. (orgs.). Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Jundiaí: Fontoura, 2006, p. 159-195.
- MARCHI JR, W.; AFONSO, G. F. Globalização e esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: RIBEIRO, L. (org.) Futebol e globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007, p. 131-149.
- MARQUES, R. F. R. Esporte e Qualidade de Vida: reflexão sociológica (2007). Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*. Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.225-244, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. *Revista Conexões*. V. 6, n.2, p. 42-61, 2008.

_____. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil; os processos de classificação de atletas. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 20, n. 4, p. 637-648, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas. São Paulo: Phorte, 2014.

PILZ, G. A. Sociologia do esporte na Alemanha. *Estudos históricos: esporte e lazer*. v.1, n.23, p. 3-17, 1999.

PRONI, M. W. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. (1998). Tese de doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Esporte e Sociedade*. V. 3, n. 9, 2008.

RICHTER, K., J; ADAMS-MUSHETT, C.; FERRARA, M., S.; McCANN, B. C. Integrated swimming classification: a faulled system. *Adapted Physical Activity Quaterly*, 9, p.5-13, 1992.

SKLAIR, L. Globalização. In: SCOTT, J. (org). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 94-98.

SOUZA, J.; MARCHI JR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. *Movimento*, v16, n1, jan-mar 2010.

SOUZA, J. A reflexividade metodológica de Pierre Bourdieu como modelo heurístico para leitura do esporte no Brasil – potencialidade e contribuições. In: MARCHI JR, W. *Ensaio em sociologia do esporte*. Factash: São Paulo, 2011, p. 29-54.

TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.